



ANDRÉA DORÉ

**Da veracidade à denúncia do falso nas  
descrições geográficas da Época Moderna**

---

**CLIO: REVISTA DE PESQUISA HISTÓRICA**

**Dossiê: *Fake News* na época moderna**

Recife, v. 41, n. 2 (Jul-Dez), 2023, pp. 80-106.

<http://dx.doi.org/10.22264/clio.issn2525-5649.2023.41.2.04>

e-ISSN: 2525-5649

---



DA VERACIDADE À DENÚNCIA DO FALSO NAS DESCRIÇÕES GEOGRÁFICAS DA ÉPOCA MODERNA

*RESUMO:* Os autores de descrições geográficas do período moderno recorreram a várias estratégias para convencer ou especular sobre a geografia de espaços desconhecidos dos europeus ou sobre os quais tinham poucas informações. Entre um dado objetivo e concreto sobre a geografia e o falseamento deliberado havia um vasto espectro de situações. É difícil expressar em apenas um termo essa multiplicidade de casos: inexactidão, falseamento, imprecisão, erro, mentira, imaginação, fabulação. Para cada objeto, mapa ou descrição, diferentes elementos devem ser investigados a fim de compreender o resultado construído, suas motivações e efeitos. O objetivo deste artigo é identificar expressões, imagens e práticas adotadas por produtores da literatura geográfica no período moderno para atribuir veracidade e credibilidade a suas descrições. Também se apresenta, de forma ainda introdutória, como os contemporâneos se permitiam avaliar e denunciar inverdades nesses documentos.

*PALAVRAS-CHAVE:* Descrições geográficas; Mapas falsos; Erros cartográficos; Efeito de verdade; Cópias falsas

---

FROM TRUTHFULNESS TO THE DENUNCIATION OF FALSEHOOD IN GEOGRAPHIC DESCRIPTIONS IN THE EARLY MODERN PERIOD

*ABSTRACT:* In geographic descriptions of the early modern period we find a set of strategies to convince or speculate about the geography of spaces unknown to Europeans or about which they had little information. Between objective and concrete data about geography and deliberate falsification there is a vast spectrum of situations. It is difficult to express this multiplicity of cases in just one term: inaccuracy, falsification, imprecision, error, lie, imagination, fabrication. For each object, map or description, different elements must be investigated in order to understand the result we observe, its motivations and effects. The objective of this article is to identify expressions, images and practices adopted by producers of geographic literature in the early modern period to ensure veracity and credibility to their descriptions. It also presents, in an initial way, how contemporaries allowed themselves to evaluate and denounce untruths in these documents.

*KEYWORDS:* Geographic descriptions; False maps; Cartographic errors; Real effect; Fake copies

---

ANDRÉA DORÉ

## Da veracidade à denúncia do falso nas descrições geográficas da Época Moderna<sup>1</sup>

---

“Às vezes, as coisas prodigiosas e improváveis devem ser relatadas, mas como provas da credulidade humana”. Voltaire escreveu essa frase na introdução do verbete “História” para a *Enciclopédia*. Produziu mais de uma versão desse texto ao longo dos últimos meses de 1765. O valor que ele atribuía ao relato de coisas “prodigiosas e improváveis” define muito bem o que hoje também vemos nessas mesmas coisas. Não é nosso interesse denunciar ou apenas identificar o que é falso ou mentiroso, mas compreender a possibilidade de acreditar. Até aqui estamos com Voltaire. Mas nos afastamos dele porque o filósofo via a credulidade humana como algo a ser corrigido, formatado pela Razão, e uma forma de razão determinada. As coisas improváveis, completou, “entram na história das opiniões e das tolices; mas o campo é demasiadamente imenso”.<sup>2</sup> O filósofo considerava fundamental que a humanidade fosse capaz de melhor avaliar suas crenças. No gênero de documentos analisado neste artigo, não se trata de questionar a presença de mitos, imaginações, invenções, mas investigar o que tornou possível a sua presença, qual a linguagem adotada para dar legitimidade a determinado saber geográfico ou para que seus contemporâneos pudessem apontar erros ou falsidades.

Os autores de descrições geográficas do período moderno recorreram a várias estratégias para convencer ou especular sobre a geografia de espaços desconhecidos dos europeus ou sobre os quais tinham poucas informações. O vasto gênero da literatura geográfica reunia cosmografias, mapas, roteiros náuticos, relatos de viagens e cartas. Em vários mapas, nas legendas e nos

---

<sup>1</sup> Agradeço aos colegas que participaram dos debates sobre as *Fake News* na Época Moderna e, especialmente, pelas sugestões e críticas de Jacqueline Herman, Luís Felipe Silvério Lima e Marília Azambuja Ribeiro Machel. Agradeço, igualmente, as pertinentes sugestões dos pareceristas da Revista Clio. Este artigo é resultado de projetos de pesquisa financiados pelo CNPq (Bolsa de Produtividade e Edital Universal) e pela Huntington Library (EUA).

<sup>2</sup> Verbetes “História” da *Enciclopédia in Voltaire, A filosofia da história*, São Paulo: Martins Fontes, 2007, p. 5.

cartuchos, ou cartelas,<sup>3</sup> assim como nos textos introdutórios de cosmografias ou de obras intituladas “geografias universais”, lê-se que ali se encontram informações atualizadas e corrigidas. Para descrever um determinado espaço geográfico, porém, os autores utilizavam obras precedentes, e algumas se tornaram fontes canônicas, funcionando como autoridade e presença obrigatória para validar o conteúdo de um novo texto. Assim foi com o relato de Marco Polo sobre a Ásia, do início do século XIV, mesmo depois das viagens dos portugueses pelo Oceano Índico quase dois séculos mais tarde. Após as cartas de Américo Vespúcio, a obra do jesuíta José de Acosta, *História natural y moral de las Indias*, de 1590, desempenhou papel semelhante para a parte da América do Sul onde se concentrou a presença espanhola. Para as terras do Brasil, os relatos de europeus, notadamente Hans Staden, Jean de Léry e André Thevet, foram, durante séculos, fontes repetidamente utilizadas. De forma metonímica, a América como um todo se relacionava, em textos e em mapas, a descrições das riquezas de Potosi, mesmo após o declínio da extração de prata.<sup>4</sup>

Entre um dado objetivo e concreto sobre a geografia e o falseamento deliberado há um vasto espectro de situações. É difícil expressar em apenas um termo essa multiplicidade de casos: inexatidão, falseamento, imprecisão, erro, mentira, imaginação, fabulação. Para cada objeto, mapa ou descrição, diferentes elementos devem ser investigados a fim de compreender o resultado que se vê, suas motivações e efeitos. No estudo de Katharina Piechocki, por exemplo, a permanência de uma cordilheira fictícia nos mapas, chamada de montes Rifeus e dos Hiperbóreos, no limite oriental da Europa, é interpretada como marco de uma fronteira “natural”, ou como um obstáculo, tornando parte da Europa “inacessível e impenetrável”. A cadeia de montanhas foi mencionada em Homero, Aristóteles, Estrabão, Plínio, Ptolomeu, desapareceu no período medieval e retornou aos mapas no século XVI. Entretanto, foi também no século XVI que a inexistência das montanhas foi afirmada pela primeira vez, em 1517, pelo historiador, astrônomo e físico polonês Maciej Miechowita. A denúncia de Miechowita, de que as montanhas eram uma invenção de Ptolomeu repetida por outros cartógrafos, tinha, segundo Piechocki, motivações políticas, uma vez que autorizava o autor e o rei polonês Sigismund I a imaginar e projetar uma expansão para o Leste. No sentido oposto, quando as montanhas voltaram a aparecer, mesmo sem o nome, no atlas de Abraham Ortelius, *Theatrum orbis*

---

<sup>3</sup> Os cartuchos ou cartelas são caixas de textos, normalmente com ilustrações, onde se encontram informações sobre o próprio mapa: título, autoria, data, dedicatória etc. Segundo Chet Van Duzer, por meio da decoração e do simbolismo presentes nos cartuchos, “the cartographer often reveals his or her interests and beliefs in a way that does not happen elsewhere on the map”. Chet Van Duzer, *Frames that Speak. Cartouches on Early Modern Maps*, Leiden-Boston: Brill, 2023, p. 1.

<sup>4</sup> Sobre a permanência de Potosi como referência síntese para a América, ainda no século XVIII, remeto a um trabalho anterior, Andréa Doré, *Cartografia da promessa. Potosi e o Brasil em um continente chamado Peruana*, São Paulo: Intermeios, 2020, cap. 3.

*terrarum*, em 1570, o que estava em jogo era a dificuldade de superar a autoridade de Ptolomeu. Esse caso ilustra a complexa relação entre a moderna cartografia e a tradução e visualização de fontes geográficas antigas.<sup>5</sup>

Motivações menos abrangentes são apontadas por Stephen Bann na análise da obra do falsário britânico Charles Julius Bertram. Em 1755, Bertram produziu um manuscrito e um mapa da Inglaterra, mas afirmou ter recebido esses “antigos” documentos de um amigo. O então renomado estudioso William Stukeley se interessou pelo caso e ele próprio identificou o autor como sendo um certo Richard de Cirencester, dos finais do século XIV. A autenticidade do documento foi colocada em dúvida e denunciada em 1869 pelo historiador John Hodgson. Bann explora questões familiares, ligadas às origens humildes do jovem falsário, e psicológicas para analisar outro gênero de complexidade, desta vez envolvendo os critérios de verdade ou falsidade.<sup>6</sup>

O objetivo deste artigo, por sua vez, é identificar expressões, imagens e práticas adotadas por produtores da literatura geográfica no período moderno para atribuir veracidade e credibilidade a suas descrições. Também se apresenta, de forma ainda introdutória, como os contemporâneos se permitiam avaliar e denunciar inverdades nesses documentos. As fontes pertencem aos séculos XVI, XVII e XVIII, são produções europeias de várias origens e, mais do que desenvolver estudos de caso, pretende-se apontar a adoção e as motivações dessas estratégias discursivas. Aqui também é preciso enfrentar a complexidade das categorias de falso e verdadeiro. Norbert Elias se serve da concepção de conceitos extremos e entende que as situações reais se encontram em algum lugar entre esses extremos. Interessado nas relações entre sujeito e objeto nas ciências sociais e nas ciências físicas, o sociólogo aponta dois conceitos-limite: “envolvimento” e “distanciamento”. Entre esses dois polos existiria um *continuum*, no qual os indivíduos demonstram maior ou menor aproximação dos extremos.<sup>7</sup> Parto dessa proposta para pensar as informações geográficas verdadeiras e falsas, considerando que esses dois extremos em muitos casos são difíceis de delimitar ou sua identificação não era acessível aos europeus no período moderno. Mais do que identificar a verdade ou apontar *fake news*, interessa saber como produtores e consumidores da primeira modernidade lidavam com o verdadeiro e o falso em matéria de conhecimento geográfico. Por isso, investigar os elementos que constituíam o “estatuto de veracidade” mostra-

---

<sup>5</sup> Katharina Piechocki, “Erroneous Mappings: Ptolemy and the Visualization of Europe’s East”, in Karen Newman e Jane Tylus, *Early Modern Cultures of Translation*, Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2015, pp. 76-96 (pp. 83 e 89-91).

<sup>6</sup> Stephen Bann, “The truth in mapping”, *Word & Image: A Journal of Verbal/Visual Enquiry*, v. 4, n. 2 (2012), pp. 498-501.

<sup>7</sup> Norbert Elias, *Envolvimento e distanciamento. Estudos sobre a sociologia do conhecimento*, Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1997, p. 19.

se o percurso mais produtivo. Mais do que a verdade da informação, o objetivo é avaliar a veracidade que lhe era atribuída, por quem a emitia e por quem a recebia. As perguntas de Elias em seu texto podem ajudar nessa análise: “Será possível determinar com maior rigor a posição de atitudes e produções humanas específicas no seio deste *continuum*?” “Há critérios aplicáveis aos diferentes graus?”.<sup>8</sup>

Um conjunto de variáveis, de categorias ou *critérios*, serve de ponto de partida para apontar práticas adotadas nas descrições geográficas – textuais ou cartográficas – visando assegurar sua veracidade ou atribuir-lhes um “efeito de verdade”, conforme o entende Carlo Ginzburg.<sup>9</sup> São eles: o papel atribuído ao tempo; o público a que se destina a obra; o estatuto das fontes acessadas para compô-la; e, finalmente, a aceitação ou crítica dos leitores.

### **Tempo: entre a repetição e a novidade**

A produção e a difusão dos resultados das explorações geográficas conviveram com a retomada de concepções antigas, gregas e latinas, endossadas pela reconhecida autoridade de seus autores, pela sua constante repetição e pela sua cristianização.<sup>10</sup> Mas as contínuas viagens por oceanos, ilhas e costas que os europeus passaram a conhecer no século XV tornaram a redução do tempo existente entre a experiência e a sua divulgação um elemento de grande valor. Encontram-se aqui os primeiros traços da valorização do presente em detrimento do passado, germe da ideia de progresso como motor da história.<sup>11</sup>

Não se pode, porém, falar de uma hegemonia da novidade. Na literatura geográfica os resultados das experiências recentes são tratados de forma muito variada. Tem-se informações de viagens que surpreendem pela rapidez com que puderam ser inseridas nos mapas. Podem também ser incorporados dados mais recentes em novas edições de mapas preexistentes, na forma de legendas ou de ilustrações nas margens. Contrariamente, porém, podem permanecer – ou retornar – incorreções, imprecisões, além de mitos e maravilhas mesmo depois de terem sido desmentidos pela experiência e documentados em outros relatos e

---

<sup>8</sup> Elias, *Envolvimento e distanciamento*, p. 19.

<sup>9</sup> Carlo Ginzburg, “Descrição e citação”, in *O fio e os rastros. Verdadeiro, falso, fictício*, São Paulo: Companhia das Letras, 2007, pp. 17-40.

<sup>10</sup> Hervé Inglebert, *Interpretatio Christiana. Les mutations des savoirs (cosmographie, géographie, ethnographie, histoire) dans l'Antiquité chrétienne 30-630 après J.-C.*, Paris: Institut d'Etudes Augustiniennes, 2001, pp. 77-108.

<sup>11</sup> Paolo Rossi, “Sobre as origens da ideia de progresso”, in *Naufrágios sem espectador: a ideia de progresso*, São Paulo: Unesp, 2000, pp. 47-109; José Antonio Maravall, “Hacia una visión secularizada e inmanente del avance histórico”, in *Antiguos y Modernos*, Madri: Alianza, 1986, pp. 579-611.

mapas, como evidencia o caso das montanhas estudado por Piechocki. Ao lado das repetições e apropriações que acabaram por fixar uma determinada imagem de um espaço e seus habitantes, encontram-se representações que escaparam a essas descrições canônicas. Um mesmo espaço geográfico podia ser cartografado de formas bastante diferentes, sobretudo em mapas que permaneceram manuscritos, como mostra a produção do cartógrafo português João Teixeira Albernaz I sobre o Brasil.<sup>12</sup> O trabalho de edição e impressão desempenhou, em muitos casos, a função de sistematizar e padronizar a apreensão geográfica.

A preocupação com a dimensão temporal, com o caráter de novidade do relato e da informação geográfica que ele continha, depois transferida para os mapas, verifica-se nos títulos, nos cartuchos, em prefácios ou cartas ao leitor. Nos títulos de mapas impressos, circulavam expressões que indicam uma linguagem compartilhada pelos editores e familiar aos consumidores. Destacam-se dois argumentos. O primeiro gira em torno do significado da palavra latina *recens*, que pode ser traduzida pelo advérbio “recentemente” ou o adjetivo “recente”, em diferentes idiomas. Outro argumento diz respeito às correções e atualizações feitas nos mapas ou a publicação de edições “revistas e ampliadas” de obras anteriores.

Os títulos visam enfatizar a novidade das descobertas marítimas que o mapa torna pública. Jean Bellère escreveu no seu mapa da América, de 1554, copiado por Gilles Boileau de Bouillon no ano seguinte: *Brevis Exactaque Totius Novi Orbis Eiusque Insularum descriptio recens a Joan. Belllro edita* [Breve e exata descrição das novas terras e suas ilhas editada recentemente por Joan Beller].<sup>13</sup> Giacomo Gastaldi intitulou o mapa da América publicado na famosa coleção de relatos *Navigazioni et Viaggi*, de Giovanni Battista Ramusio, de 1565: *Universale della parte del mondo nuovamente ritrovata* [Universal da parte do mundo recentemente encontrada].<sup>14</sup> Mesmo que expressando uma modéstia afetada, ao afirmar que não se tratava de vaidade ou ostentação, a reedição da obra de Duval D’Abeville, em 1691, se intitula *The Present State of the Whole World* [O estado atual de todo o mundo], e o editor afirmava ser aquela uma edição corrigida e ampliada.<sup>15</sup> Herman Moll, Bernard Lens e George Vertu acrescentaram ao título do seu mapa *According to the Newest and most Exact Observations* [De acordo com

<sup>12</sup> Ver a comparação que apresento em “Contiguidade e insularidade. Descrição de todo o Estado do Brasil. João Teixeira Albernaz I, c. 1626”, in Andréa Doré e Junia Furtado, *História do Brasil em 25 mapas*, São Paulo: Companhia das Letras, 2022, pp. 33-47.

<sup>13</sup> Jean Bellère, *Brevis exactaque totius Novi Orbis eiusque insularum descriptio...* Antuérpia, 1554, John Carter Brown Library (JCBL), <https://jcb.lunaimaging.com/luna/servlet/s/06usor>.

<sup>14</sup> Giacomo Gastaldi, *Universale della nuovamente parte del mondo ritrovata*, Library of Congress (Estados Unidos), <https://www.loc.gov/item/84696978>.

<sup>15</sup> *Geographia Universalis: The Present State of the Whole World...* written originally at the command of the French King, for the use of the Dauphin, by the Sieur Duval, Geographer in Ordinary of His Majesty. Second Edition, Corrected and Enlarged by R.M.M.D, London: Printed for Tho. Dewborough, 1691.

as mais recentes e exatas observações].<sup>16</sup> François Viète intitulou seu livro, traduzido do latim, *Principes de Cosmographie. Corrigées & augmentées* [Princípios de Cosmografia. Corrigidos & ampliados].<sup>17</sup> Apenas esses poucos exemplos evidenciam a presença dessas expressões na produção de cartógrafos e autores de diferentes partes da Europa e durante longo tempo.

Afirmar a novidade, a correção ou ampliação de uma obra em seu título visava oferecer ao consumidor/leitor algo de valor e que justificava sua aquisição. Respondia, assim, a necessidades mercadológicas, uma vez que as páginas de títulos funcionavam como uma propaganda, uma peça publicitária. Nessa estratégia também se verificavam formas de falsificação. Frente a edições de livros esgotados, caso houvesse demanda, novas impressões poderiam ser feitas, enquanto edições “encalhadas” tinham que ser de alguma forma liquidadas. Oferecer a mesma edição com um novo título ou embelezar o conteúdo e afirmar que se tratava de um texto revisado ou corrigido eram práticas adotadas pelos livreiros.<sup>18</sup> Poderiam não ser vistas como algo reprovável, como constatava George Wither a respeito de um livreiro: “imprimir novos títulos para isto, (e assim obter o dinheiro de alguém duas ou três vezes, pelo mesmo conteúdo sob nomes diferentes) não é uma injúria, na opinião dele”.<sup>19</sup> Não se pode também generalizar o uso das expressões que prometem obras “ampliadas e corrigidas” como apenas estratégias de venda. Em muitos casos as obras eram efetivamente alteradas e atualizadas.<sup>20</sup>

Mas o que permitia considerar uma obra de geografia fruto de informações ou conhecimentos “recentes” e “corrigidos”? Uma análise detalhada de elementos textuais e imagéticos de um mapa pode não responder à questão, mas ajuda a dissecá-la.

---

<sup>16</sup> “To the Right Honourable Charles Earl of Sunderland, and Baron Spencer ... This map of South America”. Londres, 1709. Disponível em JCBL, <https://jcb.lunaimaging.com/luna/servlet/s/q00mp7>

<sup>17</sup> François Viète, *Principes de Cosmographie. Corrigées & augmentées*, Paris: Chez Augustin Courbé, 1643.

<sup>18</sup> Jonathan Olson, “‘Newly amended and Much Enlarged’: Claims of Novelty and Enlargement on the Title Pages of Reprints in the Early Modern English Book Trade”, *History of European Ideas*, v. 42, n. 5 (2016), pp. 618–28 (p. 619).

<sup>19</sup> “to imprint nev v Titles for yt, (and so take mens moneyes twice or thrice, for the same matter vnder diuerse names) is no iniury in his opinion”, George Wither, *The Schollers Purgatory, Discovered in the Stationers Common-wealth*, [London], [1624], p. 12 *apud* Olson, “‘Newly amended and Much Enlarged’”, p. 619.

<sup>20</sup> Helen Smith e Louise Wilson, “Introduction”, in Helen Smith e Louise Wilson (eds.), *Renaissance paratexts*, Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2011, p. 11.



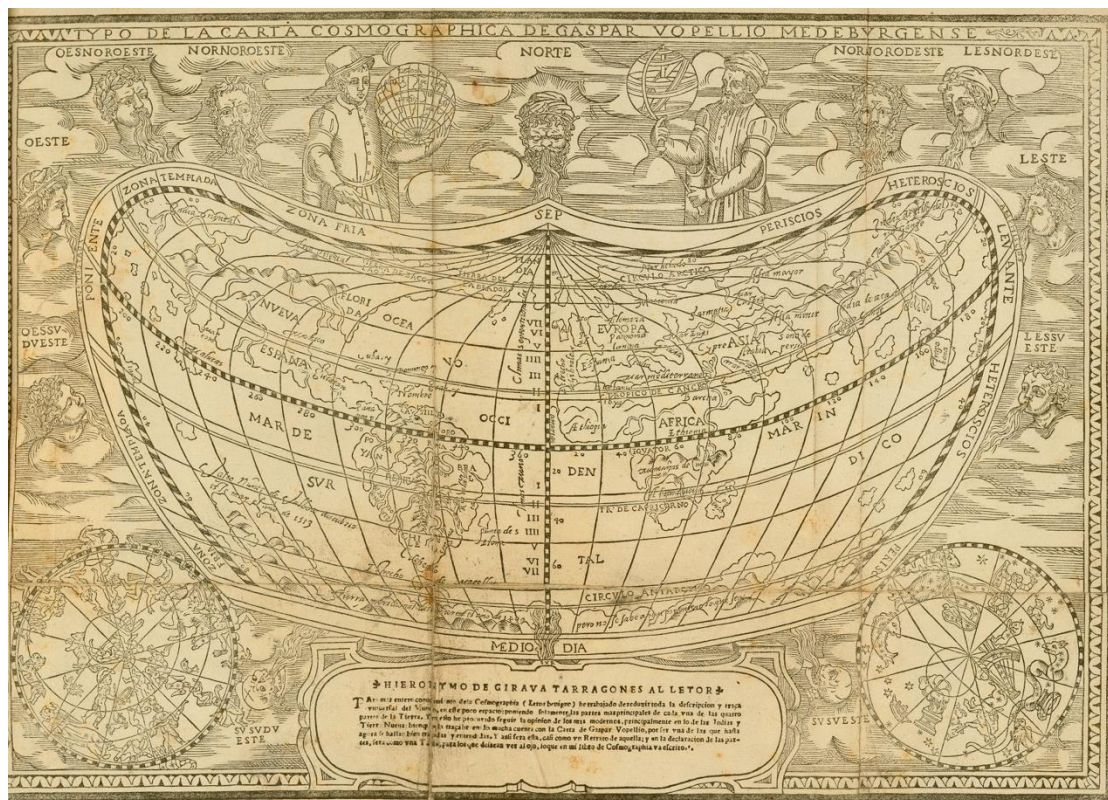


FIGURA 1<sup>21</sup>.

Em 1556, Jerónimo de Girava Tarragones, cartógrafo do imperador Carlos V, inseriu na margem inferior do mapa impresso em Milão um pequeno texto endereçado *Al Letor*: “E nisso procurei seguir a opinião dos mais modernos, principalmente [no que se refere] às Índias e Terra Nova”.<sup>22</sup>

Informou, ainda, que em relação ao traçado do mapa se baseou na Carta de Gaspar Vopellio, “por ser uma das que até agora se encontram bem traçadas e entendidas”.<sup>23</sup> Vopellio Medeburgense havia feito um mapa em doze folhas, hoje desaparecido, cuja data, incerta, pode ser 1545, 1549 ou 1552. Girava inseriu mais tarde o mapa na edição de 1570 de sua *La cosmographia, y geografia*, feita em Veneza.

A referência à opinião dos “mais modernos” visava assegurar a atualidade do mapa, considerando-o uma peça onde estariam transpostas as notícias mais recentes resultantes das viagens marítimas. Em outro texto desse gênero, na mensagem aos *Benigni Lettori* do mapa-múndi de Arnolde di Arnolde, impresso

<sup>21</sup> Jerónimo de Girava Tarragones, *Typo de la carta cosmographica de Gaspar Vopellio Medeburgense*, Impresso en Milan: Por Maestro Juan Antonio Castellon, y Maestro Christoval Caron, 1556. JCBL, <https://jcb.lunaimaging.com/luna/servlet/s/33zcd8>. Cortesia da John Carter Brown Library.

<sup>22</sup> “(...) Y en esto he procurado seguir la opinion de los más modernos, principalmente en lo de las Indias y Tierra Nueva”, Tarragones, *Typo de la carta cosmographica de Gaspar Vopellio Medeburgense*.

<sup>23</sup> “por ser una de las que hasta agora se hallan bien traçadas y entendidas”. Girava Tarragones, *Typo de la carta cosmographica de Gaspar Vopellio Medeburgense*.

em Siena, em 1601, o compromisso com as informações recentes não se dá explicitamente em relação conteúdo do mapa, mas às técnicas utilizadas para sua feitura. O cartógrafo explica a ausência de dados sobre escalas e garante que na primeira oportunidade, faria uma grande descrição, “piú alla moderna e planisférica”, ou seja, mais de acordo com a maneira *moderna* de produzir mapas, dispondo o mundo na forma plana com a indicação de escalas e linhas de longitude e latitude.<sup>24</sup>

A palavra “moderno”, do latim *modernus*, tinha inicialmente a função de adjetivo, e nem sempre se referia a um aspecto positivo. Durante a Idade Média, seu uso era com frequência neutro, durante a Idade Média, mas para Dante, no início do século XIV, a palavra assumiu uma conotação negativa. Como explica Patricia Seed, foi no Renascimento italiano e no Humanismo português, que o sentido se inverteu e a valorização da observação – presente – e da experiência passou a enfatizar a superioridade dos modernos.<sup>25</sup> A palavra começou a ser usada como um substantivo, para designar os que adotavam as formas novas, *modernas*, de se comportar, se vestir, ou de pintar. Giorgio Vasari se referia aos artistas que pintavam com base no profundo estudo de seu tema como “i moderni”, os modernos. Nos textos portugueses, as descobertas marítimas, sobretudo o avanço das navegações pela costa africana, levaram a identificar aqueles envolvidos nas explorações a partir de 1450 como “os modernos”, em oposição aos “antigos”.<sup>26</sup>

Como o caráter moderno se manifesta no mapa de Jerónimo de Girava? Primeiro, o planisfério em forma de coração, ou cordiforme. A projeção cordiforme foi utilizada por poucos cartógrafos, mas muito importantes, como Oronce Finé, Pierre Apian (1530) e Gerard Mercator (1538). Finé fez o primeiro mapa cordiforme em 1519, do qual conhecemos uma versão impressa de 1534-36, intitulada – o que não surpreende – *Recens et Integra Orbis Descriptio* [Recente e completa descrição da terra] e dedicada ao rei da França. Essa projeção foi desenvolvida e adotada visando acomodar o Novo Mundo nos mapas. Interessa aqui o fato de que a projeção se encontra em alguns mapas dos anos 1560, já é considerada uma manifestação tardia quando aparece nos mapas de Giacomo Franco em 1586-87 e cai em desuso depois do final do século XVI.<sup>27</sup> Não era, assim, a proposição mais praticada quando Girava a utilizou em seu mapa.

<sup>24</sup>Arnoldo di Arnoldi, “Benigni Lettori”, in *Universale Descrittione del Mondo*, Siena: 1601.

<sup>25</sup>Jorge Cañizares-Esguerra; Luiz Estevam de Oliveira Fernandes e Maria Cristina Bohn Martins, “Introdução. As Américas na Primeira Modernidade”, in Jorge Cañizares-Esguerra, Luiz Estevam de Oliveira Fernandes e Maria Cristina Bohn Martins (eds.) *As Américas na Primeira Modernidade (1492-1750)*, Vol 3, Vitória: Editora Milfontes, 2020, pp. 13-14.

<sup>26</sup>Patrícia Seed, “Modern”, in Ita Mccarthy (ed.), *Renaissance Keywords*, Oxford: Legenda, 2013, pp. 127-128.

<sup>27</sup>Oroncé Finé, *Recens et integra orbis descriptio...* Paris, 1534, Bibliothèque nationale de France (BNF), <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b531882260.r=oronce%20fine?rk=257512;0#>. O

Em segundo lugar, a observação do conteúdo propriamente geográfico do mapa aponta que o interior dos continentes tem figurações semelhantes, seguem um padrão e tem vários traços incompatíveis com o conhecimento que já se possuía e que se encontra em outros mapas. Destacam-se aqui apenas dois elementos. No caso da América do Sul há a representação do rio Amazonas em forma de serpente, que aparece no mapa de Sebastião Caboto de 1544 e foi marca registrada dos Homem, prolífica família de cartógrafos portugueses da primeira metade do século XVI, como desenhado nos mapas de Lopo Homem em 1554, André Homem, em 1559, e Diogo Homem, em 1558 e 1565.<sup>28</sup> Mas no mapa de Girava o rio é disposto erroneamente de norte a sul, quase em paralelo à costa atlântica. Essa disposição já está presente no mapa de Joan Bellère, de 1554, antes citado, mas são raros os mapas que contêm essa figuração. Como segundo elemento, no extremo sul do mapa de Girava, no continente chamado Terra Australis, que se imaginava habitado, uma legenda diz que foi “descoberto en el año de 1499”. Não é possível identificar de onde o cartógrafo retirou essa data. Américo Vespúcio chegou à entrada do estreito, localizada a 52° de Latitude Sul, em sua terceira viagem, que ocorreu de 1501 e 1503. O estreito seria atravessado pela expedição de Magalhães-Elcano somente em 1520.

Assim, os elementos que poderiam assegurar a atualidade do mapa não provêm especificamente do que o ele contém como informação, mas das expressões prescritas pela prática da edição e impressão de mapas e livros que valorizavam as experiências *modernas* das viagens de descobertas. O fato do conteúdo do mapa, em grande medida, seguir na direção contrária do que afirma parece ser aqui secundário, ou não ser “uma injúria”, como afirmou Wither. No entanto, se ampliarmos o período de tempo para a comparação do que seria antigo ou moderno, o mapa de Girava se encontraria claramente em oposição a uma forma anterior de representar o mundo, na qual o continente americano estava ausente e os mapas mundi tinham a forma circular, para indicar apenas dois aspectos. O trabalho de Girava era, então, *moderno*, não exatamente frente aos seus contemporâneos, mas em relação às formas de representar o mundo que antecederam as viagens atlânticas e as projeções cartográficas do século XVI.

---

matemático e poeta Johannes Stöberer (Stabius) é identificado como o inventor da projeção. Ruth Watson, “Cordiform Maps since the Sixteenth Century: The Legacy of Nineteenth-Century Cassificatory Systems”, *Imago Mundi*, v. 60, Part. 2 (2008), pp. 182-183.

<sup>28</sup> Sobre as representações do Amazonas, ver Lucas Montalvão Rabelo, “A Invenção do Rio Amazonas na Cartografia (1540-1560)”, *Terra Brasilis (Nova Série)* [Online], 14, (2020). Para o mapa de Caboto, Sebastião Caboto, *Mappemonde*, 1544, BNF, <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b55011003p>.

## As fontes

A análise das fontes utilizadas pelos produtores da literatura geográfica, explicitadas ou apenas sugeridas, indica o papel que se lhe atribui como base de legitimidade da informação. A autoridade da fonte ou do emissor da informação pode estar, aqui também, em extremos opostos: na tradição ou na novidade, indicando um estatuto de veracidade ambíguo porque em trânsito. Estão igualmente envolvidos elementos de valorização do presente ou do passado já apontados na análise da velocidade com que novas experiências são incorporadas.

Na divulgação do saber geográfico, pode-se ver a convivência de fontes que partem às vezes de matrizes muito diferentes. Vários autores de cosmografias – como Pierre d'Avity, Giovanni d'Anania e Giuseppe Rosaccio – incluíram em seus trabalhos listas de autores utilizados em suas descrições do mundo, o que revela uma eclética combinação de relatos de viagem e cartas oriundas de explorações geográficas, obras de filósofos e geógrafos gregos e latinos e referências aos Pais da Igreja.<sup>29</sup>

Em duas obras escritas expressamente para indicar as fontes disponíveis para o conhecimento histórico e geográfico encontram-se referências que permitem algumas interpretações. A primeira obra é de autoria do jesuíta Antonio Possevino, um dos redatores da *Ratio Studiorum*, cuja edição definitiva data de 1599.<sup>30</sup> Possevino foi também autor de uma *Bibliotheca Selecta* para a formação dos estudantes dos colégios da Companhia de Jesus. Publicou em 1598, derivado dessa *Bibliotheca*, o *Apparato all'Historia di tutte le Nationi. Et il modo di studiare la geografia* [Aparato para a História de todas as Nações. E o modo de estudar a geografia]. A obra contém ainda um breve texto de Plínio, o livreto de Luciano de Samósata sobre a escrita da História e *La cosmografia, & Geografia, cioè del modo d'insegnarla, & quali ne habbiano scritto*, composta pelo próprio Possevino. Pelo título depreende-se que a obra discorre sobre o modo de ensinar Cosmografia e Geografia e nela estão listados autores que escreveram sobre essa matéria.<sup>31</sup> No que se refere ao Novo Mundo – para concentrar o estudo em um recorte geográfico – estão ausentes da lista os autores clássicos, ignorantes da

---

<sup>29</sup> Cf. Lorenzo de Anania, *La Universal Fabrica del Mondo*, Napoli: Appresso Gioseppe Cacchii dell'Aquila, 1573; Pierre d'Avity, *Description generale de l'Amerique troisieme partie du monde*, Paris: Chez Claude Sonnius, 1637; Giuseppe Rosaccio, *Il mondo e sve parti cioè Europa, Affrica, Asia et America*, Fiorenza: Apresso Francesco Tosi, 1595.

<sup>30</sup>Margarida Miranda, *A Ratio studiorum e os fundamentos de uma cultura escolar na Europa e no Brasil*, in Cêzar de Alencar A. de Toldeo; Maria Aparecida de A. B. Ribas e Oriomar S. Junior (orgs.), *Origens da educação escolar no Brasil colonial. Vol I*. Maringá: Eduem, 2012, pp. 171-198.

<sup>31</sup> *Apparato all'Historia di tutte le Nationi. Et il modo di studiare la geografia. Di Antonio Possevino. Mantuovano della Compagnia di Giesu*, Venetia: Gio. Battista Ciotti Senese, Al segno dell'Aurora, 1598, p. 247. Sobre essa lista de Possevino, ver também François Dainville, *La géographie des humanistes*, Paris: Beauchesne et ses fils, 1940, pp. 48-50.

existência do continente. Possevino cita 27 autores, divididos em obras em latim e em línguas vulgares. Compatível com o objetivo de ensinar os jovens dos colégios jesuítas, de todos os nomes citados, apenas um, Hans Staden, não pertence ao mundo católico.

A outra obra, *Epitome de la Biblioteca Oriental i Occidental, náutica i geográfica*, foi elaborada por Antonio de Leon Pinelo, relator do Conselho de Índias, e publicada em 1629. No prólogo o autor explica que em sua bibliografia se encontram três tipos de autores. O primeiro é composto por autores que “escreveram pouco”. Nesse grupo se incluem os religiosos da Companhia de Jesus, que foram citados em numerosas obras. São “escritos doutos (...) relações verdadeiras e necessárias”. O segundo reúne autores aos quais Leon Pinelo não viu nenhuma menção particular sobre o que escreveram, mas tomou conhecimento deles de forma genérica e por isso incluiu apenas os títulos. No terceiro grupo estão textos dos quais não se sabe a autoria. Leon Pinelo deixa, então, os nomes em branco e ao leitor a tarefa de acrescentar, caso os encontre, “se bem que para alguns a sua diligência [dos leitores] será impossível, como foi a minha”.<sup>32</sup>

Essas duas relações de livros eram obras de referência que podem ser entendidas como “bibliotecas sem paredes”.<sup>33</sup> A de Leon Pinelo, sendo posterior e visando ser exaustiva quanto ao material disponível, contém um número maior de títulos. Todos os citados por Possevino constam do *Epitome*. Como evidência da concordância dessas listas e do fato de que efetivamente resultavam do uso prático dos títulos citados, verifica-se que no *Theatrum Orbis Terrarum* – obra anterior, publicada pela primeira vez em 1570 –, Ortelius lista os autores que lhe serviram de fonte para descrever o Novo Mundo.<sup>34</sup> Dos vinte nomes, apenas dois não estão na relação de Possevino: o cronista português João de Barros, cuja obra *Décadas da Ásia* não trata do Novo Mundo, e José de Acosta, missionário jesuíta que escreveu após a publicação do *Theatrum*. O rápido exame das listas de livros indicados por Possevino, de Leon Pinelo e Ortelius indica que o saber geográfico sobre o continente já dispunha de um conjunto de títulos e de autores que formavam o cânone sobre o tema, compatível com a novidade do continente para os europeus. A referência a esses textos tinha a função de legitimar as novas obras e compêndios e o conhecimento produzido pelos autores se convertia em autoridade. A prática adotada para tratar do novo continente não diferia da que

<sup>32</sup> “doctos escritos (...) relaciones verdadeiras, i necessárias”; “si bien algunos será imposible a su diligencia, como lo ha sido a la mia”, António de Leon Pinelo, *Epitome de la Biblioteca Oriental i Occidental, náutica i geográfica*, Madrid: Por Iuan Gonzalez, 1629, Prólogo, s.d.

<sup>33</sup> Peter Burke, “A classificação do conhecimento: currículos, bibliotecas e enciclopédias”, in *Uma história social do conhecimento I de Gutemberg a Diderot*, Rio de Janeiro: Zahar, 2003, pp. 78-108 (p. 97).

<sup>34</sup> Para a lista ver Abraham Ortelius, *Theatro de la Tierra Universal*, Anveres: por Christoval Plantino, 1588, p. 5.

se aplicava para outras partes do mundo e outros conhecimentos. Os humanistas, como afirma Anthony Grafton, eram com frequência copistas, que não faziam algo novo, mas reformulavam o que tinham lido para que “antigos escritores pudessem ensinar lições modernas”.<sup>35</sup>

Estamos, porém, tratando de um número limitado que não corresponde nem à totalidade das obras impressas disponíveis, nem ao grande volume, então pouco conhecido, dos textos manuscritos. À margem desses autores, que conformavam o cânone geográfico, eram também lidos e, em certa medida valorizados, relatos endossados pela experiência da viagem colocada acima de outros critérios, como a *qualidade* do seu autor. O testemunho de vista como garantia para a veracidade do relato abriu espaço para indivíduos que em outras circunstâncias seriam lidos com desconfiança. É o caso do mapa de 1719, de Nicolas de Fer e P. de Rochefor, *Le Perou dans l’Amerique meridionale, Dressée Sur les Divers Relations des Flibustiers et Nouveaux Voyageurs* [O Peru na América Meridional, desenhado a partir de diversos relatos dos flibusteiros e novos viajantes], publicado em Paris.<sup>36</sup> Aqui os flibusteiros, corsários, homens de índole suspeita, são citados como fonte fidedigna de informação, como também o foram prisioneiros ou degredados na exploração do Atlântico.<sup>37</sup>

Ao saber letrado, de tradição clássica ou humanista, e à experiência podemos ainda acrescentar uma terceira fonte: a imaginação. Esta é expressamente citada como base para certas representações. Na análise da obra de Guillaume Le Testu, *Cosmographie Universelle*, de 1556, Frank Lestringant destaca seis passagens em que o autor atribui a origem do que é inserido nos mapas à “imaginação”.<sup>38</sup> A maior parte das referências a essa *fonte* diz respeito à Terra Austral – a mesma que Girava diz erroneamente ter sido descoberta em 1499. Esse continente, mesmo que hipotético, está presente em doze, ou em um quarto dos mapas que compõem a obra. No mapa que se refere à Grant Java (atual ilha de Java, na Indonésia) e a Petite Java (ou Java Minor, ilhas ao Sul citadas por Marco Polo) (mapa 32), Le Testu escreveu: “Esta terra é parte da dita Terra Austral por nós desconhecida, porque o que está marcado foi feito por imaginação e opinião incerta”. No mapa seguinte, o cartógrafo alerta: “No entanto o que eu marquei e retratei foi feito por imaginação”. Na ausência de

---

<sup>35</sup>Anthony Grafton, *Inky fingers. The making of books in early modern Europe*, Cambridge-London: The Belknap Press of Harvard University Press, 2020, p. 4.

<sup>36</sup> *Le Perou dans l’Amerique meridionale, Dressée Sur les Divers Relations des Flibustiers et Nouveaux Voyageurs*. A Paris: Chez I. F. Benard gendre de l’Auteur dans l’Isle du Palais sur le Quay de l’Orloge a la Sphere Royale, 1719, JCBL, <https://jcb.lunaimaging.com/luna/servlet/s/1o4z95>.

<sup>37</sup> Lisa Voigt, *Writing Captivity in the Early Modern Atlantic. Circulations of Knowledge and Authority in the Iberian and English Imperial Worlds*, Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2009.

<sup>38</sup> Frank Lestringant, “L’hypothèse de la Terre Australe”, in Guillaume Le Testu, *Cosmographie Universelle*. Selon les navigateurs tant anciens que modernes, Paris: Flammarion; Arthaud, 2012, pp. 58-69.

qualquer testemunho de vista, Le Testu reitera no mapa 38: “Porque mesmo que esta terra seja descrita e retratada, é somente por imaginação, já que nenhuma descoberta foi feita mais além do dito estreito de Magalhães”.<sup>39</sup>

A imaginação, porém, não se confundia com a mentira. Em 1566, dez anos após a produção de sua *Cosmographie*, Le Testu realizou um mapa-múndi. A respeito da Califórnia, que oscilou durante muito tempo entre a forma de uma ilha ou península, Le Testu escreveu em uma grande legenda: “Porque esta costa e terra não foi até agora devidamente descoberta, eu preferi deixá-la imperfeita, do que acrescentar a este mapa verdadeiro alguma mentira”.<sup>40</sup>

Caberia nesse caso, então, investigar por que era permitido “imaginar” sobre a Terra Austral e não sobre a Califórnia? O que difere a imaginação da mentira? Sabemos que ambas produzem efeitos. Como sintetizou David Livingstone, “geografias imaginadas têm consequências reais”.<sup>41</sup>

Como afirma Carla Lois, as geografias desconhecidas têm sentido no âmbito de uma “geografia verossímil”. Mas aqui também é preciso discernir o que atribui verossimilhança a um espaço geográfico desconhecido, “as condições de verossimilhança”, mais do que definir a “medida precisa da distância entre a representação do desconhecido e a geografia real”.<sup>42</sup> A Terra Austral se tornava verossímil, não apenas com base nas teorias clássicas, que defendiam a sua existência a fim de garantir a simetria e o equilíbrio das terras emersas, mas com base na “ideia geográfica da continentalidade da América”.<sup>43</sup> As concepções então em vigor e as reflexões que levaram a considerar a América um continente, mesmo antes de se conhecer suas dimensões, permitiram também imaginar um grande continente austral. A presença do estreito – de Magalhães – era um “dispositivo demarcador”, como também se dizia do estreito de Gibraltar.<sup>44</sup> Tratava-se de uma imaginação autorizada, não era fruto do acaso, mas “o resultado de considerações cuidadosas e da interpretação, por mais especulativa que fosse”.<sup>45</sup>

<sup>39</sup>“Ceste terre est partie de ladictte Terre Australle a nous incogneau, car ce qui en est merché [marqué] n’est que par imagination et oppinion incertaine”; “Toutefoys ce que je en ay marque et depainct n’est que par imagination”; “Car combien que ceste terre soit decrite et depaincte, n’est seullement que par imagination, pour ce que decouverte n’a point esté faite plus oultre que ledict detroit de Magellan”, *apud* Lestringant, “L’hypothèse de la Terre Australe”, p. 60.

<sup>40</sup>“Parce que ceste coste et terre n’a este jusques icy deument decouverte, j’ay mieux aymé la laisser imparfaite, que de adjouter à ceste Carte Véritable Aulcune Mensonge”, *apud* Lestringant, “L’hypothèse de la Terre Australe”, p. 68.

<sup>41</sup> David N. Livingstone, “A Geography of Science?”, in *Putting Science in its Place: Geographies of Scientific Knowledge*, Chicago: University of Chicago Press, 2003, pp. 1-16 (p. 8).

<sup>42</sup> Carla Lois, “Quinta pars o terrae incognitae? La cuestión de la verosimilitud en la representación de lo desconocido”, *Terra brasilis*, 4 (2015), pp. 1-16 (p. 4).

<sup>43</sup>Lois, “Quinta pars o terrae incognitae?”, p. 3.

<sup>44</sup>Lois, “Quinta pars o terrae incognitae?”, p. 7.

<sup>45</sup>Alfred Hiatt, *Terra Incognita. Mapping the Antipodes before 1600*, London: The British Library, 2008, p. 224, *apud* Carolina Martínez, “Cartografías de implicación e imaginación geográfica en la

Na expressão dessa imaginação também se encontravam os diferentes interesses dos reinos europeus envolvidos na expansão marítima, atendendo assim a anseios geopolíticos.<sup>46</sup> Na cartografia manuscrita espanhola de meados e fins do século XVI, a Terra Austral está praticamente ausente, o que se explicaria pelo fato de que os mapas teriam uso efetivo na navegação. Esses mapas manuscritos representavam apenas lugares cuja existência havia sido comprovada por viagens de exploração.<sup>47</sup> Na cartografia da chamada Escola de Dieppe, por sua vez, que reunia nessa cidade da Normandia cartógrafos franceses e ingleses, influenciados também pela forma como os portugueses desenhavam os mapas, proliferam imagens do continente austral. Na obra de Le Testu, importante representante dessa Escola, como explica Carolina Martínez, a Terra Austral é fruto de um “ato criativo” baseado na teoria dos Antípodas, desenvolvida pelos autores clássicos e tinha fins prospectivos.<sup>48</sup> Assim, a afirmação da sua existência abria a possibilidade de exploração de novas terras.

Quanto à inscrição no cartucho que acompanha a representação da região da atual Califórnia na costa ocidental da América do Norte, Lestringant propõe algumas interpretações. Seria talvez excessivo afirmar que o cartógrafo, no curto período de tempo que separa a *Cosmographie* (1556) da feitura do mapa-múndi (1566), teria passado a rejeitar dados imprecisos, lendas e se voltado a uma cartografia crítica. Para compreender sua mudança de atitude é preciso considerar um outro elemento: o público a que se destina a obra.

### **A que Leitor benigno?**

Os destinatários das obras de Guillaume Le Testu eram indivíduos específicos que o cartógrafo bem conhecia. O atlas universal – ou *Cosmographie* – era destinado ao rei da França, por meio do almirante Coligny. Lestringant afirma que na elaboração do mapa era, então, necessário recorrer a uma “ficção cosmográfica”, uma vez que ao monarca francês convinha “um mundo total e pleno, um mundo sem lacunas”, só possível na cosmografia teórica. A ficção cosmográfica consiste justamente em fazer desaparecer os vazios dos mapas, permitindo que a imaginação se desenvolva.<sup>49</sup>

O planisfério de 1566, por sua vez, tinha como destinatário o capitão da marinha do Poente, Pierre de Coutes, um colega de Le Testu a quem se devia

---

creación de Pars Quinta. La Tierra Austral de Guillaume Le Testu (c. XVI)”, *Cuadernos de Historia Cultural*, n. 9 (2020), pp. 32-57 (p. 39).

<sup>46</sup> Romain Descendre, *A politização do mundo*, Campinas: Editora da Unicamp, 2015.

<sup>47</sup> Martínez, “Cartografías de implicación e imaginación geográfica”, pp. 36-37.

<sup>48</sup> Martínez, “Cartografías de implicación e imaginación geográfica”, pp. 39 e 41.

<sup>49</sup> Lestringant, “L’hypothèse de la Terre Australe”, pp. 68-69.



apresentar somente informações que pudessem ser comprovadas pela experiência. A imaginação perdia aqui sua legitimidade e passava a ser “sinônimo de ‘mentira’ ”.<sup>50</sup> As menções à imaginada Terra Austral nesse planisfério vão ao encontro dessa explicação e mostram um cartógrafo muito menos disposto a referendar notícias vagas. Em uma legenda ao sul do Cabo da Boa Esperança, Le Testu escreve que alguns portugueses foram levados pelo mau tempo para regiões bem ao Sul do Cabo e teriam relatado “algum conhecimento desta Terra”, mas porque não foram “descobertas”, ele preferia somente fazer a anotação, “não querendo dar fé” ao relato dos navegadores portugueses. Em outra legenda, próxima ao Estreito de Magalhães, também se referindo ao continente austral, o cartógrafo reafirma que não havia notícia de que alguém teria conhecimento da costa ao sul do estreito, “no entanto eu a desenhei aqui de forma grosseira segundo a opinião de alguns cosmógrafos sem querer sobre isso afirmar qualquer coisa”.<sup>51</sup>

Lestringant conclui que “a boa mentira é para os reis e seus ministros. Mas não é uma mentira; é a imagem antecipada de sua glória terrestre”.<sup>52</sup> Essa mesma imprecisão, “ficção cartográfica”, informação *falsa* ou ainda especulativa, foi utilizada em inúmeros relatos de exploradores a fim de obter apoio dos monarcas para expedições em busca de metais preciosos. Mais à frente, neste artigo, será a vez de Simão Estácio da Silveira fazer promessas a Felipe III, afirmando a existência de minas que ele não viu e diminuindo as distâncias entre a Espanha e o norte do Brasil para colocar o Maranhão em uma posição de destaque nos planos da Coroa. Da Índia, da mesma forma, Manuel Godinho de Erédia escreveu ao rei e em mapas das regiões ao sul de Java identificava ilhas “de ouro, cravo, massa, noz e sândalo”.<sup>53</sup> Sobre isso, o vice-rei da Índia alertava o monarca, em 1610: “Postoque, como me escreveis, he desnecessario o cargo de cosmographo mór, em que Manuel Godinho de Heredia me pedia o provesse e

<sup>50</sup>Lestringant, “L’hypothèse de la Terre Australe”, p. 68.

<sup>51</sup> Para a primeira legenda: “Aulcuns Portugays Allans aux Indes Furent par Contrarieté de Temps trasportés Fort Su, du Cap de Bonne esperance Lesquelz Firent Raport que Ilz avoient eu Quelques Congnoissance de Ceste Terre Toutefoys pour Navoir este decouverte [?] Je lay seullement ycy notée ny voullant adiouter Foy”; legenda ao sul do Estreito de Magalhães: “Margallan a certainement ce destroit passé et nominé de son nom naviguant le long de la coste du Peru mays Il ne ce Trouve poinct que luy ny homme aye eu congnoice de ceste coste Toutefoys je Lay ycy grosement depeinte selon ladvis daulcuns cosmographes sans en voulloir Afermer Aulcune Choze”. Guillaume Le Testu, [*Mappemonde en deux hémisphères*], 1566, BNF, <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b5906267c.r=Le%20Testu?rk=42918;4>.

<sup>52</sup> Lestringant, “L’hypothèse de la Terre Australe”, p. 69.

<sup>53</sup> Manuel Godinho de Erédia, *Nova Tavoa Hydrographica do Mar de Novas Teras do Sul*, 1602, Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (BNRJ): [https://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo\\_digital/div\\_cartografia/cart1082450/cart1082450.jpg](https://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart1082450/cart1082450.jpg). Jorge Flores já apontou as informações falsas na obra desse cosmógrafo em “Between Madrid and Ophir: Eredia, a Deceitful Discoverer?”, in Miriam Eliav-Feldon e Tamar Herzog, *Dissimulation and Deceit in Early Modern Europe*, New York: Palgrave Macmillan, 2015, pp. 184-210.

que das cousas que avisa não ha que fazer caso (...).<sup>54</sup> Nessa frase também se verifica que as informações – e imaginações geográficas – eram avaliadas por seus leitores e as críticas se expressavam de diferentes formas, tema da última parte deste artigo.

Os consumidores de mapas e descrições podiam também compor um coletivo anônimo, recebendo, igualmente, a atenção dos autores das obras. A inserção que Girava faz de uma breve carta ao leitor, elemento paratextual (ou paracartográfico), não é um caso isolado. Em vários mapas podem ser encontrados pequenos textos dedicados a um leitor indeterminado. As cartas ao leitor, em tratados descritivos ou mapas, que atendem às características do gênero prefacial, atuam como o limiar entre o autor e sua audiência. Desempenharam, no período moderno, função semelhante à de prefácios no contexto novo da circulação de impressos.

Philippe Desan analisa os efeitos da mudança na relação entre autores e livros quando da difusão de obras impressas e podemos estendê-los às novas relações que se estabeleciam entre cartógrafos e consumidores de mapas. O prefácio, segundo Desan, funcionaria como um espaço público, o mercado, onde se encontram o vendedor (autor-cartógrafo) e o comprador (leitor) potencial. Assim como o mercado reúne as mercadorias e as expõe ao público, o prefácio teria a função de oferecer uma degustação do texto e incitar sua leitura.<sup>55</sup> Disputando com outros gêneros a atenção do leitor/consumidor, os autores de cosmografias, atlas e relatos de viagem, recorrem a tópicos retóricos para valorizar a comodidade e o baixo custo que as obras oferecem para que se possa conhecer o mundo.<sup>56</sup>

Quem é, então, o *Letor benigno* ao qual Girava se refere no início da carta ao leitor de seu mapa? É, em primeiro lugar, o leitor ou leitora do livro no qual o mapa se insere. É alguém que pode fazer uso do mapa aliado à leitura do texto, de forma a se guiar pela narrativa ou descrição. Em sua mensagem ao leitor, lê-se que “na declaração das partes será como um mapa, para os que desejam ver com os olhos, o que em meu livro *Cosmografia* vai escrito”.<sup>57</sup> Reconhece-se nesse leitor o amante de novidades, que acompanha as viagens marítimas por curiosidade. O *Theatrum*, de Ortelius, reafirma essas características do leitor de

---

<sup>54</sup> *Documentos remetidos da Índia ou Livro das Monções*, ed. Raymundo Antonio de Bulhão Pato, Lisboa: Typographia da Academia Real das Sciencias, 1880, Tomo I, p. 284.

<sup>55</sup> Philippe Desan, “Préfaces, prologues et avis au lecteur: strategies préfacielles à la Renaissance”, in François Cornilliat; Ullrich Langer e Douglas Kelly (eds.), *What is literature?: France, 1100-1600*, Lexington: French Forum, 1993, pp. 103-108.

<sup>56</sup> Ver Andréa Doré, “Vendre le monde: les préfaces des cosmographies à la Renaissance”, *Margini. Giornale della dedica e altro*, Basel, n. 11 (2017), pp. 3-16; Helen Smith e Louise Wilson (ed.), *Renaissance paratexts*, Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2011.

<sup>57</sup> “en la declaracion de las partes sera como una Tabla, para los que deseian ver al ojo, lo que en mi libro de *Cosmographia* va escrito”, Girava Tarragones, *Typo de la carta cosmographica de Gaspar Vopellio Medeburgense*.

textos geográficos. Sua introdução dedicada aos *benevolos lectores*, como se lê na edição espanhola de 1588, destaca o prazer que resulta da leitura. Para Ortelius, a parte “mais prazerosa da leitura das Histórias” é ter em frente os mapas e ver os feitos como se estivessem também ali presentes e os lugares onde aconteceram.<sup>58</sup> O livro e o mapa de Girava, assim como a obra de Ortelius, compunham também a biblioteca de mercadores e administradores envolvidos em empresas de exploração e comércio.

No texto endereçado ao leitor do mapa de Arnolfo di Arnolfini, já citado, o cartógrafo assegura que irá também inserir “novas invenções/descobertas fáceis de entender de forma a dar-lhes inteira satisfação”.<sup>59</sup> O objetivo era tornar compreensível o conhecimento que o mapa expressava e assim satisfazer a necessidade de saber ou a curiosidade. Consequência da ampliação do público interessado em mapas e descrições geográficas e do aumento da concorrência na oferta desses produtos, houve mudanças na forma, a fim, justamente, de dar “inteira satisfação” ao leitor. Nos tratados de geografia eram adotadas as formas do diálogo, ou poemas para melhor memorizar as informações. Os autores afirmam que apresentam a imagem do mundo, “matérias tão intrincadas, difíceis, e tão distantes da visão comum [em] termos claros, fáceis e bem inteligíveis”<sup>60</sup> ou substituem os mapas que seriam “confusos demais”<sup>61</sup>, por retratos de príncipes e reis cristãos.

O poema foi a forma adotada por Sebastián Fernández de Medrano, que voltará a essas páginas pelas severas críticas que seu trabalho recebeu. Ele explica ao seu *Curioso Lector*, que a grande utilidade da geografia para o “bien público” enfrenta uma questão muito prática: os tomos dos atlas têm “tão desmesurada grandeza, são incômodos para usar”<sup>62</sup> no dia a dia. Sua obra, ao contrário, com apenas dois volumes, seria facilmente manuseada. Medrano, já cego, confia a um de seus discípulos, Don Manuel Pellicer y Velasco, a tarefa de colocar em verso as descrições, acompanhadas de apenas alguns mapas. Assim, no campo da circulação do saber geográfico, a mentira podia ser usada para convencer e obter

<sup>58</sup> “más gustosa de la lectura de las Historias”. Ortelius, “Abraham Ortelio antuerpiano, geographo d’el Rey Nuestro Señor, a los benévolos lectores salud”, in *Theatro de la Tierra Universal*, p. 3.

<sup>59</sup> “nuove inventioni facili ad interdarsi et insieme a darvi intera sotisfazione”, Arnolfo di Arnolfini, “Benigni Lettori”, in *Universale Descrittione del Mondo*.

<sup>60</sup> “materias tan intrincadas, difíciles, y tan apartadas de la vista comum (...) [en] terminos claros, faciles, y bien inteligibles”. Lorenzo Ferrer Maldonado, “Al Lector” in *Imagen del Mundo, sobre la Esfera, Cosmografía, y Geografía, Teroica de Planetas, y arte de navegar*, Alcalá: Por Juan Garcia, y Antonio Duplastre, 1626.

<sup>61</sup> “trop confuses”. Chateaunieres de Grenaille, *Le Theatre de l’Univers ou l’Abbrégé du Monde*, Paris: Chez Antoine Robinot en sa boutique sur le Pont Neuf, 1646, p. 9.

<sup>62</sup> “tan desmesurada grandeza, son embarazosas para usar”. Sebastián Fernández de Medrano, “Al lector”, *Breve Descripción del Mundo o Guía Geographica de Medrano. Lo mas principal de ella en verso*, Brusselas: En casa de Lamberto Marchant, 1688.

decisões favoráveis e a simplificação e o embelezamento das edições eram estratégias para atrair o leitor comum.

### **Denúncias e *desatinos geográficos***

Informações recentes e atualizadas, técnicas modernas de mapeamento, linguagem acessível e prazerosa eram aspectos que recebiam grande atenção dos autores de descrições geográficas, de cosmografias e mapas e aos quais se somava a preocupação com a verdade. Eles a expressaram em seus próprios trabalhos e seguiam o que recomendava a linguagem retórica: “retirar do caos, e do labirinto fabuloso, a realidade, e verdade”, como escreveu Pedro Cubero y Sebastián *Al Benigno, y Pio Letor*. Para esse missionário que atuou nas Filipinas e que informa ter escrito sua obra ao longo de dois anos de trabalho na Biblioteca do Vaticano, a verdade, que ele diz trazer à luz, ou foi deixada em silêncio pelos antigos, ou a responsabilidade era dos poetas, que misturavam as coisas, por “querê-las com suas hipérboles, e ficções tanto superar, que fizeram com que perdessem o crédito”.<sup>63</sup> Cubero y Sebastián poderia ter entre os alvos da sua crítica a própria obra de Fernandez de Medrano, publicada quase dez anos antes e que, como se viu, traspôs descrições geográficas em verso.

Neste último item destacam-se diferentes manifestações de críticas por parte de autores e leitores, atentos ao conteúdo do que liam.

A experiência da viagem era um aspecto de primeira linha para assegurar a veracidade das descrições geográficas e, em sentido oposto, a sua ausência podia colocar em questão todo o relato. O debate entre Damião de Góis, humanista português, e o cosmógrafo Sebastian Münster, bem ilustra a denúncia de informações falsas resultantes da falta de experiência no terreno.<sup>64</sup> Münster publicou em 1540 uma edição latina da *Geographia* de Ptolomeu. A obra tinha um apêndice com informações sobre regiões da Europa, entre elas, a Hispânia (englobando toda a Península Ibérica).<sup>65</sup> Góis, ao ler o texto, que comparava desfavoravelmente a Hispania em relação à França, escreveu ao seu amigo Pedro

---

<sup>63</sup> “... sacar del Cahos, y labirinto fabuloso, la realidade, y verdade”; “quererlas con su hipérboles, y ficciones tanto remontar, que les hizieron perder el credito”. Pedro Cubero y Sebastián, “Al Benigno, y Pio Letor”, *Descripcion General del Mundo y notables sucessos que han sucedido en el*, Valencia: Por Vicente Cabrera, 1697, [f.1].

<sup>64</sup> Sobre a querela entre os dois autores e os paratextos como espaço de debate, remeto a meu capítulo “Damião de Góis, Sebastian Münster e a sociabilidade dos humanistas em torno do saber geográfico”, in Andréa Doré e Luiz Carlos Ribeiro (orgs.), *O que é sociabilidade?*, São Paulo: Intermeios, 2019, pp. 73-88.

<sup>65</sup> Sebastian Münster, *Geographia. Basle 1540*. Claudius Ptolemaeus, With an introduction by R.A. Skelton, Amsterdam: Theatrvm Orbis Terrarvm Ltd. 1966, Edição fac-símile de: *Geographia universalis, vetus et nova complectens. Claudii Ptolemaei Alexandrini Enarrationis Libros VIII. Basileae apud Henricum Petrum Mense Mario anno M.D.XL*, pp. 160-163.

Nânio, professor de latim em Lovaina, um opúsculo com suas críticas, que este publicou sob o título *Pro Hispania adversus Munsterum defensio* [Defesa de Espanha contra Münster].<sup>66</sup>

Depois de listar os erros na obra de Münster, Góis escreve: “E não desejo que Munster tome as minhas palavras por censura, senão como aviso para de ora avante ser mais cauto e verdadeiro nos seus escritos (...)”.<sup>67</sup> Para descrever os costumes dos povos era preciso, concluía Góis, ver com os próprios olhos. Münster respondeu às acusações na carta ao leitor de sua obra seguinte, *Cosmographia Universalis*, de 1544. Afirmava que era impossível a um homem ver todos os lugares do mundo. Acreditava, assim, nos textos antigos e em informações escritas por outras pessoas, como “acreditamos também em Damião no que ele escreve sobre os costumes dos indianos, sujeitos ao Preste João, país no qual ele no entanto nunca esteve”.<sup>68</sup> Na sequência desse debate, na carta que envia a João Diogo (ou Jacob) Fugger, da rica família de mercadores alemães de Augsburgo, Góis escreve que, se Munster tivesse averiguado suas informações “não houvera, com o seu *Ptolomeu* [a edição da *Geographia*], espalhado tantas mentiras, até mesmo sobre a sua Alemanha; e omito outros livros acerca da fé cristã e por ele publicados, os quais no juízo de muitos não passam de adúlterinos e falsos, coisa que, a ser verdadeira, não é piedosa bastante nem digna de homem cristão”.<sup>69</sup> Além da preocupação com a verdade das informações, havia, então, diferenças religiosas a fundamentar as críticas ao texto de Münster.<sup>70</sup>

Temos aqui um leitor, que também era autor, a avaliar e criticar o trabalho de um colega. Quando o julgamento da validade e da veracidade do que era escrito ou desenhado nos mapas envolvia instituições religiosas, ou seja, a Igreja como primeira leitora das obras, é preciso incluir na análise a censura, o papel da Inquisição, a elaboração de índices de obras proibidas. Limito-me aqui a destacar a presença do julgamento da autoridade religiosa como registro obrigatório no caso de alguns temas por parte de autores leigos. Sobre as teorias heliocêntricas e a recuperação das teses atomistas, há um rígido posicionamento nos textos prefaciais de obras geográficas. Francisco Lopes de Gomara, por exemplo, abre

<sup>66</sup> Damião de Góis, *Hispania Damiani a Goes, Equitis Lusitani*, Lovanii: excudebat Rutgerus Rescius, 1542.

<sup>67</sup> Damião de Góis, *Opúsculos históricos*. Tradução do original latino pelo professor Dias de Carvalho, Porto: Livraria Civilização, 1945, p. 114.

<sup>68</sup> “croyons aussi à Damian en ce qu'il escrit des meurs des Indiens, subiectz a Preste Jehan, au quel pays toutefois il ne fust jamais ira”. Sebastian Münster, *La Cosmographie Universelle, contenant la situation de toutes les parties du monde, avec leurs proprietes & appartenances* [1<sup>o</sup> ed. 1544], Basel: aux despens de Henry Pierre, 1568, p. 4.

<sup>69</sup> “Carta de Damião de Góis a João Diogo Fugger, [Lovaina, 11.IV.1542]”, in Damião de Góis, *Correspondência Latina. Portugaliae Monumenta Neolatina*, v. IX. Estabelecimento do texto latino. Introdução, tradução, notas e comentário de Amadeu Torres, Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009, p. 113.

<sup>70</sup> Cf. Góis, *Correspondência Latina*, p. 412, n. 7.

sua *Historia de Indias y conquista de Mexico* com um capítulo intitulado “O mundo é único, e não vários, como alguns filósofos pensaram”.<sup>71</sup> Ferrer Maldonado também não questiona o cosmo aprovado pela Igreja: “Alguns disseram que a terra se movia, como foi Pitágoras, (...), e entre os modernos foi Copérnico; e este disse que o Sol estava fixo, e a terra se movia: esta opinião está reprovada, e considerada falsa”.<sup>72</sup>

Nessa temática também se insere o comentador da obra de Darinel que em um texto inserido na própria obra do autor acusa de heresia os que pensam haver vários deuses, uma vez que também acreditam existir vários mundos.

Pois Leucipo, Demócrito, Anaximandro e Epicuro opinaram ter existido vários mundos, engendrados a partir do átomo, que é esta poeira, tremulando entre os raios do Sol, quando atingem um quarto sombrio, através de uma pequena abertura. (...) Resumidamente, todas as suas opiniões só fazem criar confusão, ao contrário daquelas que só é preciso acreditar, que só existe um mundo, ou dois, se quisermos, encerrado um dentro do outro.<sup>73</sup>

Os leitores se baseavam em diferentes critérios de veracidade que coexistiam. Era preciso fornecer um testemunho de vista; havia temas nos quais era “preciso acreditar”, mesmo sem provas concretas; e ainda se mantinha válida a autoridade dos textos antigos. Uma obra estudada por Anthony Grafton exemplifica este último aspecto. Um tratado, publicado em 1516, pretendia abordar costumes e rituais de todos os povos, não mencionava a América e reunia trechos de diferentes autores clássicos. Seu autor/compilador, Joannes Boemus, preferia a forma tradicional de produzir um livro no lugar do novo método que se desenvolvia, *mais moderno*, como vimos, “supostamente baseado em testemunhos de vista”.<sup>74</sup> O editor, Siegmund Grimm, apoiava o recurso a textos confiáveis, “não à obra de trapaceiros noturnos, nem de mendigos errantes, que

<sup>71</sup> “El mundo es uno, y no muchos, como algunos filósofos pensaran”. Francisco Lopez de Gomara, *Istoria de Indias y conquista de Mexico*, Çaragoça: Agustín Millán, 1552, cap. 1.

<sup>72</sup> “Alguns dixerón que la tierra se movia, como fue Pitágoras, (...), y de los modernos fue Copernico; y este dixo, que el Sol estava fixo, y la tierra se movia: esta opinion està reprovada, y tenida por falsa”. Lorenzo Ferrer Maldonado, *Imagen del Mundo*, p. 77.

<sup>73</sup> “Car Leucippus, Democrite, Anaximander, & Epicure, ont opiné avoir eu plusieurs mondes, engendrez de l'atome, qui est cette pouciere, voletant parmy les rays du Soleil, quand ilz frappent dans une chambre umbragée, travers un petit pertuys. Mais Orpheus a esté d'autre opinion: car il pensoit, que chasque estoille debuoit estre un monde a part. Brief toute leurs opinions ne font proprement q'une confusion, au contraire desquelles fault seulement croire, qu'il n'y a qu'un seul monde, ou deux, si nous voulons, encloz l'un dedans l'autre.” “Prologue de l'autre monde fait par le Commentateur sur Darinel, & dédié à Monseigneur de Fallais, Maistre d'hotel de la Royne de Hongrie” in Darinel. *La Sphere des deux mondes*, Anvers: Chez IE. Richart, 1555, p. 45.

<sup>74</sup> “supposedly founded on eyewitnessing”. Grafton, *Inky fingers*, p. 3.

em sua prática mentem criminosamente e sem vergonha para se tornarem populares e admirados pela multidão”.<sup>75</sup>

No plano mais prático, as denúncias de falsidade das informações se encontram tanto em obras impressas quanto em anotações manuscritas. No mapa de George Vertue, Bernard Lens e Herman Moll, de 1709, já citado, há uma legenda que ataca violentamente as falsidades contidas em mapas e seus autores: “O mundo não é imposto de forma mais escandalosa do que pelos mapas elaborados por fingidores ignorantes, que assumem de maneira mais falsa e impudente os títulos de Geógrafos da Rainha”.<sup>76</sup>

Os cartógrafos afirmavam que foram publicadas duas cópias de um falso mapa francês da América do Sul, feitos em Paris, em 1703. Para “enganar a humanidade”, um recurso à autoridade havia sido adotado. Os mapas foram dedicados ao Dr. Edmond Halley, Professor da prestigiosa cátedra Saviliana de Geometria, em Oxford, e com bases em suas descobertas os “fingidores” teriam “corrigido” os mapas. Vertue, Lens e Moll alertam, porém, que os mapas estariam errados sobre a localização do Cabo Horn, ao sul do Estreito de Magalhães, reduzindo a distância e a navegação em cerca de mil milhas e “todos podem facilmente julgar que consequência perigosa isso pode produzir...”. A projeção adotada nesses mapas também era “notoriamente falsa”.<sup>77</sup>

As anotações manuscritas inseridas em obras impressas também são evidências dos cuidados dos leitores com o que leem. Mesmo que não sejam tão frequentes, indicam que a recepção de informações nem sempre era passiva e crédula. Em um exemplar da *Relação sumária das coisas do Maranhão... dirigida aos pobres deste Reyno de Portugal*, obra em que o colonizador português Simão Estácio da Silveira pretende convencer o rei de que o Maranhão deveria receber atenção da Coroa, na forma de recursos e colonos, há anotações nas margens em que um leitor corrige alguns dados contidos no texto (há indicações de que datam de cerca de 1630).<sup>78</sup> Ao se referir ao rio Caytè, o autor escreve que ali “se diz que há minas de prata de importância...”. À margem lê-se a anotação: “não há nada”.<sup>79</sup>

<sup>75</sup> “not the work of fly-by-night tricksters, nor that of wandering beggars, who make in their practice to lie criminally and without shame to make themselves popular and admired with the crowd”. *Apud* Grafton, *Inky fingers*, p. 3. A obra em questão: Joanne Boemus, *Omnium gentium mores leges et ritus*, Augsburg: Grimm and Virsung, 1520; repr. Lyon: Gryphius, 1541.

<sup>76</sup> “The world is in nothing more scandalously imposed upon than by Maps put out by ignorant Pretenders, who most falsly and impudently assume ye titles of ye Queen’s Geographers”. “To the Right Honourable Charles Earl of Sunderland, and Baron Spencer ... This map of South America”. JCBL. <https://jcb.lunaimaging.com/luna/servlet/s/c64g51>

<sup>77</sup> “deceive mankind”; “everybody may easily judge what a Dangerous consequence these may produce...”; “notoriously false”. “To the Right Honourable Charles Earl of Sunderland”.

<sup>78</sup> Simão Estácio da Silveira, *Relação sumária das coisas do Maranhão... dirigida aos pobres deste Reyno de Portugal*, Lisboa: por Giraldo da Vinha, 1624. Uma das edições preservadas na BNRJ, Seção de Manuscritos, códice Pernambuco (1,2,35 n° 11), contém as anotações nas margens. Ver Doré, *Cartografia da promessa*, pp. 187-188.

<sup>79</sup> Silveira, *Relação sumária das coisas do Maranhão...*, p. 38.

Mais à frente, no texto: “Tem-se por cousa certa que há minas de ouro & prata, & outros metais nesta terra”, ao que o leitor corrigiu: “não se sabe nada disso”.<sup>80</sup> E, na página seguinte, afirma Estácio da Silveira que o Maranhão “é Brasil melhor, & mais perto de Portugal”, de onde se chegaria a Lisboa em “vinte dias ordinariamente”. A informação é questionada e corrigida com a anotação manuscrita: “35 até 80”.<sup>81</sup>

Outra evidência se encontra em um exemplar de outro livro de Fernández Medrano, *Geographia o Moderna Description del Mundo*, de 1709. Quase como um desabafo, um leitor teve o cuidado de escrever à margem: “O sr. Medrano se propôs a escrever desatinos geográficos, que conseguiu completamente, pois erros mais clássicos não se poderiam cometer”.<sup>82</sup>

A obra do polímata inglês John Dee (1527-1609) é um terreno fertilíssimo para o estudo das práticas de leitura e de uma vasta gama de temas tendo em vista a profusão de anotações que fazia nos livros de sua biblioteca. A relação “nas margens” que ele estabeleceu com livros que trataram de descrições geográficas é particularmente reveladora. Dee não só fazia correções, como expressava sua avaliação sobre a veracidade do que lia. Em seu exemplar da coleção de Giovanni Battista Ramusio, *Navigazioni e Viaggi*, fez anotações que indicam que, enquanto lia os relatos, tinha ao lado os atlas de Ortelius e de Gerard Mercator: “Isto não pode ser verificado no mapa de Mercator”; ou “Ele nos teria feito pensar que essas Ilhas estão próximas das Espedires dos Antigos, mas não é assim”.<sup>83</sup>

Em um de seus livros mais anotados, a biografia de Cristóvão Colombo atribuída a seu filho, Fernando Colombo, Dee acompanha e destaca todo tipo de informação ali contida. O interesse maior, mas não o único, era conhecer as estratégias dos espanhóis, que ele assinala nas margens com o termo “policies”, políticas. O empenho de Dee em diferentes obras era de municiar a empresa britânica de exploração marítima.<sup>84</sup> Acompanhando o diário da expedição de Colombo, escreveu nas margens em relação a informações geográficas: “Um maravilhoso erro de Latitude”, e “um grande erro de cálculo dos marinheiros”. Suas notas, como analisa Sherman, deixam transparecer certa inveja frente às realizações, descobertas e conquistas dos portugueses e espanhóis, que em

<sup>80</sup> Silveira, *Relação sumária das coisas do Maranhão...*, p. 42v.

<sup>81</sup> Silveira, *Relação sumária das coisas do Maranhão...*, p. 43.

<sup>82</sup> “El Sør Medrano se propuso en escrivir desatinos geograficos, q. consigoio completamente, pues yerros mas classicos no se podian cometer”. Sebastián Fernández de Medrano, *Geographia o Moderna Descripción del Mundo*, Tomo Primero, Amberes: Por Henrico y Cornelio Verdussen, 1709, anotação à margem na p. 224. Exemplar da JCBL.

<sup>83</sup> “This cannot be verified in Mercators map” (2:Flr); “Hee wold haue vs think that these Iles [are] ner the Hesperides of the Ancients but it is not so” (3:L5v). Citado por William H. Sherman, “John Dee’s Columbian Encounter” in *Used books: Marking readers in Renaissance England*, University of Pennsylvania Press, 2008, p. 118.

<sup>84</sup> Sherman, “John Dee’s Columbian Encounter”, p. 122.



diferentes momentos é expressa por meio de desconfiança e descrédito. Em um texto final acrescentado à obra, com a descrição do funeral de Colombo e seu legado, lê-se: “a História não conhece outro homem que tenha feito o que ele fez, portanto o mundo irá sempre lembrar do primeiro descobridor das Índias Ocidentais”. Dee escreve à margem: “Não é verdade”.<sup>85</sup>

### Considerações finais

O estudo de diferentes gêneros da literatura geográfica com o objetivo de compreender as concepções de verdadeiro e falso partilhadas por autores e seu público leitor indica várias camadas. O aspecto conceitual da verdade se reveste de práticas efetuadas no campo da cultura letrada que produziu e divulgou o conhecimento geográfico no período moderno. Algumas dessas práticas foram descritas neste artigo. Uma dimensão que se articula com as práticas, e que esta análise apenas esboçou, é a dos conteúdos abordados. As formas de assegurar a veracidade ou de se permitir denunciar “desatinos” não estiveram desvinculadas da matéria tratada: lugares explorados ou não pela presença concreta dos europeus; novidades técnicas para exploração, medição e registro do que se passa a conhecer; redutos de dimensões sagradas protegidos pelo saber religioso, os *arcana naturae*.<sup>86</sup>

Caberia ainda explorar o fato de que os mapas, mais do que as descrições literárias, possuem a capacidade de produzir efeitos de realidade (que difere do efeito de verdade), o que confere a esse gênero de documento um lugar específico na discussão sobre veracidade e falseamento de informações. A existência de um mapa é, muitas vezes, um elemento que assegura a própria veracidade do que se afirma. Não por acaso obras de ficção inserem mapas também ficcionais como forma de autenticar o relato. Para Jean Marc Besse é como se ocorresse o que escreveu Aristóteles sobre existir ser o equivalente a ter um lugar. Assim, quando um mapa mostra o lugar citado em uma estória ele se torna de certa forma uma prova da existência da própria estória.<sup>87</sup>

Para concluir esta análise das práticas discursivas adotadas em textos e mapas em torno dos estatutos de veracidade ou de falsidade, volta à cena o

<sup>85</sup> “A marvaylous error in Latitude” e “a great error in Mariners reckoning”; “History knows of no man who ever did he like, wherefore the world will ever remember the first discoverer of the West Indies”; “Not true”. Citado por Sherman, “John Dee’s Columbian Encounter”, p. 124.

<sup>86</sup> Carlo Ginzburg, “O alto e o baixo. O tema do conhecimento proibido nos séculos XVI e XVII”, in *Mitos, emblemas e sinais*, São Paulo: Companhia das Letras, 1986, pp. 95-117.

<sup>87</sup> Jean-Marc Besse, “Cartographic Fiction”, in Anders Engberg-Pedersen (ed.), *Literature and Cartography. Theories, Histories, Genres*, Cambridge; London: The MIT Press, 2017, p. 49. Agradeço a Brenda Degger por esta referência.

*continuum* de Norbert Elias. No âmbito específico das descrições geográficas realizadas nos séculos XVI até o princípio do século XVIII, nos extremos estariam a tradição, clássica pagã ou cristã, de um lado, e a novidade, fruto da experiência, aportada muitas vezes por indivíduos iletrados ou de pouca instrução, de outro. Na confluência da linguagem, que se constrói e se normatiza no material impresso ao longo desses séculos, e das dimensões espaciais, técnicas e simbólicas envolvidas na apreensão do espaço, pode-se compreender as oscilações desses estatutos. No *continuum* se manifestam a permeabilidade dos indivíduos (produtores e receptores) à imprecisão, à incompletude e à provisoriedade do que escrevem, leem ou ouvem, e a aceitação do que é possível, ou verossímil, em um momento de frequentes correções e atualizações.

Os contextos de produção, porém, são fundamentais para essa permeabilidade. A projeção de anseios expansionistas poderia se estender a terras imaginadas, como o continente austral para a monarquia francesa. No debate envolvendo Damião de Góis e Sebastian Munster e na leitura que John Dee faz dos feitos de Colombo não estavam em jogo apenas a denúncia de falsidades e a busca da informação verdadeira. Estavam também presentes diferenças políticas e religiosas. Duvidar ou questionar uma informação podia estar relacionado à lealdade que se nutria - ou não - pelo seu autor e grupo a que pertencia, aos princípios que defendia, mesmo sem estarem expressos na matéria em debate. Um aspecto, assim, bastante semelhante ao fenômeno contemporâneo das *fake news* pode ser percebido. O emissor da mensagem motiva e formata a avaliação do leitor e sua disposição em acreditar ou duvidar do que lê.

\*\*\*

---

Artigo recebido em 19-12-2023. Aceito para publicação em 13-02-2024.

---

Citação: Andréa Doré, "Da veracidade à denúncia do falso nas descrições geográficas da Época Moderna", *Clio: Revista de Pesquisa Histórica*, v. 41, n. 2 (2023), pp. 80-106, <http://dx.doi.org/10.22264/clio.issn2525-5649.2023.41.2.04>.

---

Andréa Doré, Professora do Departamento de História da Universidade Federal do Paraná, e-mail: [andreadore6@gmail.com](mailto:andreadore6@gmail.com), ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5320-8065>.